

Gazeta das Caldas

JORNAL REGIONALISTA

ADMINISTRADOR E EDITOR
G. NOBRE COUTINHO
 Redacção e Administração: PAVILHÃO DO PARQUE
 Propriedade da Empresa "Gazeta das Caldas"

CORPO REDACTORIAL
 José Saudade e Silveira — José P. Fialho Junior
 Antonio Montes — Antonio D. Franca Borges
 Antonio Leitão — Cesar Coelho da Silveira

Composição e Impressão
TIPOGRAFIA CALDENSE
 José da Silva Dias, Lda.
 R. JOSÉ MALHOA, 5 a 11 — Caldas da Rainha

Nove de Abril! Ponto luci-negro da historia de Portugal, que ilumina o nosso espirito e alegra o nosso coração ... Está cheio destes paradoxos o mundo, plena destes contrastes a Historia!

Nove de Abril! Ecôas em minh'alma como um dobre de finados ... E ainda aqui se manifesta para os cristãos aparente contradição. E' porque a morte sempre escurece o coração dos parentes e amigos do defunto, mas a sua alma é aureolada pela esperança da immortalidade. Depois dos feitos nunca feitos praticados pelos portugueses em oito batalha de La Lys que os lusitanos, que pareciam dessorados e em degenerescencia, são sempre os dignos descendentes dos homens de Viriato, os continuadores dos guerreiros cristãos de Diu, de Ormuz, de Malaca e de Marracuene.

Que o Deus Onnipotente perdôe os nossos pecados e sanifique á nossa Patria em atenção ao sacrificio dos que morreram e á imolação dos que ainda vivem arrependidos.

Coronel Soeiro de Brito.

Relação dos officiaes e praças do Regimento de Infantaria 5, mortos em campanha durante a Grande Guerra

Postos	Nomes	Naturalidade		Filiação	Estado	Local em que morreram
		Freguesia	Concelho			
Major	João Teixeira Pinto		Mossamedes		casado	Moçambique
Alferezes	Joaquim Correia		Silves		»	França
»	Adrião Lucas		Figueiró dos Vinhos		solteiro	Moçambique
2.º sarg.	Amadeu da Silva Pinto		Lisboa	Francisco José Pinto e Maria do Carmo Silva	»	França
»	José Bernardo Junior		Oliveira do Hospital	José Bernardes e Maria do Nascimento	»	Moçambique
»	Manuel Fernandes Leitão	Sta. Cruz do Castelo	Lisboa	José Fernandes Leitão e Feliciano Leitão	»	França
»	João Martinho	Atouguia da Baleia	Peniche	Francisco Martinho e Maria da Conceição	»	Moçambique
2.º s. artíf.	Aurelio Ferreira	Vera-Cruz	Aveiro	Manoel Ferreira e Maria Luiza Ferreira	»	França
1.º cabo	Manuel Maria	Lourçal	Pombal	Brigida Maria	»	»
soldado	João do Couto	Cercal	Cadaval	Rafael dos Santos e Maria da Visitação	»	»
»	Americo da Silva	Carvalhal	Caldas	Manuel do Couto e Maria d'Ascenção	»	»
»	José Lopes Gameiro	Pardeloh	Estarreja	Manuel José da Silva e Joana Rodrigues	»	»
»	João Madeira	Loures	Obidos	Antonio Lopes Gameiro e Ana Gertrudes	»	»
»	José Elias	Amoreira	Sob. Mont'Agração	Antonio Lopes Gameiro e Maria de Jesus	»	»
»	João Soares	S. Quintino	Obidos	Manoel Madeira e Maria Custodia	»	»
»	Raul Anastacio dos Reis	Beato	Sob. Mont'Agração	Manuel Elias e Maria Custodia	»	»
»	Vicente do Nascimento	Sta. Maria do Cast.	Lisboa	Antonio José Soares e Maximina Rosa	»	»
»	Joaquim Luiz Carlos	Bucelas	Lisboa	Manuel dos Reis e Emilia das Dóres	»	»
»	Domingos Marques	S. Quintino	Tavira	José Maria Junior e Joana Maria	»	»
»	João Higino	Santa Catarina	Loures	Antonio Luiz Carlos e Tereza de Jesus Salinha	»	»
»	Carlos dos Santos	Socorro	Loures	Manuel dos Reis e Raquel dos Santos Diniz	»	»
»	José Severino da Costa	Peral	Sob. Mont'Agração	José Maria Junior e Joana Maria	»	»
»	José Antunes	Triana	Lisboa	Antonio Luiz Carlos e Tereza de Jesus Salinha	»	»
»	Virgilio da Silva Felix	S. Vicente	Lisboa	João Higino e Julia dos Santos	»	Alemanha
»	Geraldo Miguel	Fanadia	Caldas	Alexandre Marques e Raquel dos Santos Diniz	»	França
»	Francisco Silva Miranda	Atouguia da Baleia	Cadaval	João Higino e Julia dos Santos	»	»
»	Manuel Gons. Cerqueira	Meledo	Alemquer	Maria da Esperança	»	»
»	Francisco Rodrigues	Messines	Lisboa	José Antunes e Meria da Piedade	»	»
»	José Gorjão	Ajuda	Lisboa	Leopoldina Felix	»	»
»	José Ildefonso Ramos	Atouguia da Baleia	Caldas	Maria Joaquina Junior	»	»
»	Valentim Martins	Rapoza	Lisboa	João da Silva Miranda e Maria da Conceição	»	»
»	Manuel Coelho	Socorro	Bombarral	Antonio Cerqueira e Rosa do Lagar	»	»
»	Francisco dos Santos	Carvalhal	Lisboa	Antonio Rodrigues e Isabel Maria	»	»
»	Cecilio dos Santos	Beato	Caldas	Francisco Gorjão e Maria Soledade	»	»
»	Raul Pedro	Tornada	Lisboa	José Gregorio dos Ramos e Maria Barbosa	»	»
»	José Faria	Santa Catarina	Caldas	Francisco Martins e Maria Conceição	»	»
»	João Jacinto dos Santos	Santa Justa	Lisboa	Antonio Coelho Junior e Antonia Maxima	»	»
»	José da Silva Barata	Santiago	Almeirim	Rita de Jesus	»	»
1.º cabo	José Antonio Rato	Tornada	Lisboa	João dos Santos e Lixeta de Jesus	»	»
soldado	João Vicente	Socorro	Bombarral	Adriano Pedro e Beatriz Rosario Reis	»	»
»	José Vieira	Carvalhal	Lisboa	Angelina Candida	»	»
»	Domingos Jorge	Beato	Caldas	Jacinto dos Santos e Ana Rosario	»	Moçambique
»		Tornada	Lisboa	Artur Rodrigues Barata e Adelaide Macedo	»	França
»		Sacavem	Torres Novas	Antonio Antunes Rato e Adelaide de Jesus	»	»
»			Lisboa	Antonio Vicente e Ana Maria	»	Portugal
»			Loures	José Vieira e Maria dos Anjos	»	França
»				Joaquim Jorge e Maria Monteiro	»	»

Neste ano em que se comemora o centenário da I Guerra Mundial é oportuno recordar de que forma as Caldas da Rainha esteve ligada a esse conflito. A presença de duas a três centenas de prisioneiros alemães, primeiro no Hospital Termal e depois, provavelmente, nos Pavilhões do Parque foi o acontecimento mais marcante para a vida da cidade, tal como damos conta nas páginas seguintes.

Faz na próxima quarta-feira 96 anos que Portugal viveu a sua pior derrota militar depois do desastre de Alcácer-Quibir (1578). No dia 9 de Abril de 1918 teve início a batalha de La Lys, na qual em apenas quatro horas as tropas portuguesas perderam cerca 7500 homens, entre mortos, feridos, desaparecidos e prisioneiros.

A Gazeta de 9 de Abril de 1926, rende homenagem aos militares do RI5 que pereceram na I Grande Guerra (grande parte deles em La Lys) publicando os seus nomes, naturalidade, filiação, estado civil e local onde morreram.

Nessa lista, composta por três officiaes, cinco sargentos e 34 praças, há vários soldados das Caldas da Rainha e também de Óbidos, Peniche, Cadaval e Bombarral. Curiosamente os únicos casados eram os três officiaes, sendo os restantes solteiros. A maioria tombou no teatro de guerra francês e os restantes em Moçambique onde houve também confrontos entre tropas portuguesas e alemãs.

Quando o Hospital Termal foi depósito de internamento de prisioneiros Alemães

Os prisioneiros alemães nas Caldas da Rainha durante a I Grande Guerra Mundial

Já se conhecia que Caldas da Rainha foi um dos centros de acolhimento de refugiados da II Guerra Mundial e que, no período da Monarquia, também aqui obtiveram refúgio os bóeres derrotados na África do Sul pelas tropas inglesas. Mas um episódio relativamente desconhecido desta tradição caldensa de acolher estrangeiros está relacionado com a I Grande Guerra Mundial – de que agora se comemora o primeiro centenário – e com a vinda de prisioneiros alemães que ficaram alojados no Hospital Termal.

A revista Sábado publicou em 6/02/2013 uma extensa reportagem, assinada pelo jornalista Pedro Jorge Castro, onde fala nos campos de concentração para alemães, primeiro em Angra do Heroísmo e mais tarde também nas Caldas da Rainha e em Peniche.



O comboio que trouxe os prisioneiros alemães chegados de Moçambique para as Caldas da Rainha. A foto terá sido tirada em Alcântara.



Prisioneiros alemães deitados no Hospital D. Leonor (Hospital Termal). Note-se o por menor do escarrador aos pés da cama e da garrafa e chávena na mesa de cabeceira.



Interior do Hospital Termal com as camaratas onde ficaram internados os "súbditos alemães". Através da janela vê-se o edifício do balneário termal. Ao lado jovens que na altura terão encontrado trabalho a fazer as camas e a limpeza do "depósito de prisioneiros".



Mais telegramas dão conta de alemães enviados provisoriamente para as Caldas antes de partir para os Açores, o que explica algum vai e vem de prisioneiros.

As autoridades estão atentas à segurança. Dias depois um telegrama dá conta de que uma força da Guarda Republicana será substituída pelo Exército.

Telegrama
25 Novembro de 1917
Para Delegado do Ministério da Guerra – Hospital Rainha D. Leonor Caldas da Rainha
Urgentissimo. Embarque primeiro comboio para Lisboa todos súbditos primeira classe vinte segundo classe quarenta sete terceira classe tornando para responsável pelo não cumprimento desta ordem.

A Sábado explica esta divisão por classes. Os alemães estão separados em três, consoante as profissões que exerciam e de acordo com critérios definidos pelos próprios. Os comandantes, empresários e professores são classificados como primeira classe; os oficiais de bordo e telegrafistas na segunda; marinheiros e agricultores pertencem à terceira.

Cada classe tem privilégios próprios, sendo, naturalmente, a terceira a que menos condições tem. Por exemplo, nos Açores, a casa de banho dos detidos de terceira classe era uma simples viga de madeira sobre as rochas onde os homens se empoleiravam para defecar.

Não consta que nas Caldas as condições de alojamento fossem muito diferentes entre as três classes, posto que todos estavam alojados no Hospital Termal. Provavelmente as diferenças sentir-se-iam ao nível do trato e de alguns privilégios.

As fotos da época mostram os detidos em amplas camaratas do Hospital Termal com aspecto limpo e cuidado. Mas, quem sabe, talvez fossem só as dos alemães de primeira classe...

E há imagens de jogos de futebol no Parque bem como de alemães a passear no Parque. Aparentemente, embora circunscritos à zona do hospital e do parque, a vida destes prisioneiros era seguramente mais fácil do que a dos detidos na fortaleza de Peniche ou na longínqua Angra do Heroísmo.

Telegrama
27 Novembro 1917
Para Delegado do Ministério da Guerra – Hospital Rainha D. Leonor Caldas da Rainha
Torna-se necessário que ainda hoje telegraficamente informe número de todos súbditos que amanhã envia Lisboa para seguirem Açores discriminando classes a que pertencem visto que é preciso tomar logares na empresa não esquecendo vigiarção para telegrama ser legível devendo para maior precalço guia ser formulada. Exmo. ministro manda também comunicar que está tratando sua substituição.
Pelo chefe gabinete major Galhardo

Desconhece-se se o delegado do Ministério da Guerra foi ou não substituído. Mas no dia seguinte um telegrama do ministério já é dirigido ao Capitão David no Hospital D. Leonor. É curto: "bagagens súbditos inimigos seguem hoje comboio".

Mas entretanto terá havido fugas. Em 30 de Novembro novo telegrama enviado para as Caldas diz o seguinte: "Urgente. Sua Excelência Ministro Guerra recomenda maior vigilância sobre súbditos inimigos a fim de evitar sua fuga responsabilizando Comandante força pela repetição taes fatos."

O envio de mais prisioneiros não pára. E com eles a logística associada. Em 4 de Dezembro a Secretaria do Ministério da Guerra avisa o seu delegado nas Caldas que "logo que cheguem a esse depósito as bagagens dos internados alemães, seja esta rigorosamente revista, fazendo V. Exa. a apreensão de todos os documentos e objectos que pareçam suspeitos, por mais insignificantes que sejam, fazendo a sua remessa para esta repartição. Mas recomenda Sua Exa o Ministro que sejam apreendidas todas as maquinas e material fotografico"

E não são só as máquinas fotográficas (um bem muito escasso e caro para a época) que preocupa o ministro da Guerra. Dois dias depois segue novo telegrama a avisar que "toda a correspondência do súbditos inimigos quer telegráfica, quer postal, só pode ser expedida depois de passar por esta repartição"

Entretanto obtêm-se a confirmação da fuga acima referida. Os alemães que se evadiram não tardaram duas semanas a ser capturados, a julgar por uma carta do Governo Civil de Lisboa, de 14 de Dezembro de 1917, destinada ao Comandante do Depósito Provisório de Internados Inimigos, que reza assim: "Com este officio vão ser presentes a V. Exa. os súbditos alemães Cornelius lessen, Frederico Schoder e Heinrich Botteher que se evadiram d'esse depósito no mez de Novembro ultimo. Saúde e fraternidade. O governador civil"

Nesta altura a correspondência oficial termina ainda com uma saudação bem republicana – Saúde e fraternidade – bem longe ainda daquela que viria a ser conhecida no Estado Novo: a bem da Nação.

É também com "Saúde e fraternidade" que termina um officio do Administrador do Concelho (presidente da Câmara das Caldas) dirigido ao comandante militar das Caldas da Rainha, datado de 9 de Dezembro, no qual se lê que "Havendo recebido de alterações d'ordem pública rogo à V. Exa. se digno tomar as providências necessárias afim de que a ordem seja mantida se por qualquer motivo ela for alterada".

Dias depois o militar responde ao município que não há motivo para preocupações.

Em meados de Dezembro há notícia, desta vez do Governo Civil de Lisboa, de que serão enviados mais 56 "súbditos inimigos que ficarão recolhidos nesse depósito".

E seis dias depois um curioso telegrama dá uma ideia do número de prisioneiros no Hospital Termal:

Telegrama da 7ª Repartição da 2ª Direcção Geral da Secretaria da Guerra
20 de Dezembro de 1917
Comandante do Depósito dos internados alemães Caldas da Rainha
"Foi autorizado o envio material de aquartelamento desse depósito fornecer 250 mantas, 150 talheres completos, 250 toalhas, 130 enxergas, 130 travesseiros e 2 caldeiras".

Mas 1917 chega ao fim e as Caldas da Rainha continuam a receber mais detidos.

Telegrama para Comandante do Depósito Internato
28 de Dezembro de 1917
Sr. Ministro encarrega-me comunicar v. Exa. que amanhã serão enviados para ai cento e doze alemães. Digne-se arranjar alojamento para os receber. Conduzem um official e trinta praças.

Ao todo, durante estes dois meses há telegramas que dão conta do envio de Lisboa para as Caldas de, pelo menos, 430 prisioneiros. Em sentido contrário, terão sido devolvidos a Lisboa, para embarcarem para os Açores, pelo menos 120, havendo ainda notícias de alguns que foram expulso para Espanha.

Apesar do Arquivo Histórico Militar não possuir mais pastas com esta correspondência, é provável que nos primeiros meses de 1918 tenham continuado a chegar mais prisioneiros. A Sábado refere um grupo de alemães que passou o Natal de 1917 a bordo, entre Lourenço Marques e Lisboa, e que tinham como destino as Caldas da Rainha. Na viagem de mar morreram dois prisioneiros. Os arquivos militares têm fotografias da chegada desses prisioneiros a Lisboa e do comboio que os trouxe para as Caldas.

DO HOSPITAL TERMAL PARA OS PAVILHÕES DO PARQUE

Não é conhecida mais correspondência do Ministério da Guerra com o responsável pelo depósito de prisioneiros nas Caldas. Mas uma curiosa carta, detida pela Biblioteca Municipal das Caldas da Rainha, enviada pela Junta da Paróquia ao presidente da Câmara caldensa, faz luz sobre o destino dos prisioneiros alemães então instalados no Hospital Termal.

Datada de 21 de Janeiro de 1918, o presidente da Junta pede à Câmara Municipal que, por sua vez, se digno pedir ao Ministro do Interior "para se fazerem as obras previstas nos Pavilhões do Parque a fim de serem ali internados os alemães, visto estar a aproximar-se a época balnear e o edificio do Hospital D. Leonor precisar como de costume de reparações e limpa como todos os anos são feitas

UM FLUXO CONTÍNUO DE TELEGRAMAS

PORTUGAL NA GUERRA

18 de Novembro 1917
Capitão D.T. Hospital D. Leonor
Seguem hoje comboio 17h30 21 súbditos inimigos e uma força de um cabo e oito soldados.
Pelo Chefe de Gabinete L. J. Major

Este é um dos inúmeros telegramas que constam nas únicas duas pastas existentes no Arquivo Histórico Militar Português sobre os prisioneiros alemães nas Caldas da Rainha. Tratam-se de missivas recebidas nas Caldas durante os meses de Novembro e Março de 1917.

Entre centenas de documentos, pontuam sobretudo os telegramas enviados por Lisboa ao Delegado do Ministério da Guerra no Hospital D. Leonor (Hospital Termal), ao Comandante do Depósito Internato, também no hospital, ou a algum oficial específico. Há também correspondência entre o Ministério da Guerra e o administrador do concelho (presidente da Câmara), bem como alguns telegramas do Governo Civil de Lisboa para as Caldas da Rainha.

Todos os documentos têm a ver com os prisioneiros alemães, designados "súbditos alemães", "súbditos inimigos" ou "internados alemães", muito raramente apenas "alemães".

O fluxo de telegramas entre Lisboa e Caldas da Rainha é enorme. E são quase todos classificados de "urgente" ou "muito urgente", não disfarçando alguns deles alguma irritação quando a resposta não é pronta e responsabilizando directamente quem não obedece às ordens emanadas.

A par do fluxo de telegramas, há um outro fluxo de alemães que vão e vêm. O Ministério da Guerra avisa na véspera de certo dia que em determinado comboio segue um grupo de prisioneiros para as Caldas, mas também manda outro, subitamente, que sejam enviados para Lisboa dezenas de alemães destinados a serem embarcados para os Açores. Em determinado momento, o comandante militar nas Caldas recebe ordens para expulsar alguns prisioneiros para Badajoz.

Mas para se perceber porque motivo em finais de 1917 havia esta tão intensa troca de telegramas entre o Ministério da Guerra, em Lisboa, e o Hospital D. Leonor, nas Caldas da Rainha, é preciso perceber o que se está a passar em Portugal e no mundo nesta altura.

O país está na guerra. Na primeira guerra que ocorre à escala mundial. Portugal tem soldados a combater os alemães na frente europeia, na Flandres, e nas suas colónias africanas, em especial na de Moçambique.

A guerra já durava desde 1914, mas Portugal só entra nela em 1917. A jovem República, com apenas seis anos, queria consolidar o seu prestígio nas chancelarias europeias e é o próprio governo português que quer entrar na guerra. Desconfiados, sabendo da má preparação e dos fracos recursos do Exército português, os aliados, e em particular a Inglaterra, não acolhem de bom grado a pretensão lusa. Mas acabam por aceitar.

Forma-se o CEP – Corpo Expedicionário Português com o objectivo de entrar no teatro de guerra europeu. Mais de 55 mil militares portugueses são enviados para combater. Sete mil não regressaram.

A declaração de guerra, porém, já fora feita pela Alemanha um ano antes, quando Portugal, por indicação do governo britânico, captura todos os navios alemães que se encontravam nos portos portugueses (leia-se não só os de Lisboa como os que estavam atracados nos Açores, Madeira e nas colónias africanas). Ao todo são 72 navios apresados pela República Portuguesa. E com eles as suas tripulações, compostas por marinheiros, telegrafistas, fogueiros, criados, engenheiros, tipógrafos, alfaiates, barbeiros, padeiros, cozinheiros, músicos.

Centenas de alemães civis ficam assim detidos, grande parte deles em Lourenço Marques (hoje Maputo), donde muitos enviados para Angra do Heroísmo nos Açores.

Mas além destes prisioneiros de guerra, o governo português junta-lhes mais umas centenas: os cidadãos alemães em idade militar que viviam à época em território português. Todos os indivíduos desta nacionalidade entre os 16 e os 45 anos são obrigados a apresentar-se no quartel mais próximo para ser internados. As suas famílias podem

partir para a Alemanha, mas se tiverem meios para pagar as despesas, podem juntar-se-lhes na reclusão.

A Sábado conta histórias, tão dramáticas quanto interessantes, de descendentes de alemães, já nascidos em Portugal, que se sentiam portugueses (alguns até tentaram alistar-se para combater na guerra), republicanos convictos, que tentaram mostrar o seu patriotismo, mas foram rechaçados pelo governo. Até os filhos dos alemães que tivessem nascido em Portugal perdem a nacionalidade portuguesa.

Do continente são enviados centenas de alemães para Angra do Heroísmo, cuja fortaleza é transformada num campo de concentração. Em Maio de 1916 são já 500 os prisioneiros ali detidos (embora fossem autorizados a dar alguns passeios à cidade e até a tomar banho no mar desde que acompanhados por militares).

Em Moçambique são também criados campos de concentração em Maputo e em Maceoque, mas em 1917, por acordo com os aliados, Portugal encerra-os e transfere os presos para a Europa.

O DEPÓSITO DE PRISIONEIROS DAS CALDAS

É aqui que entra as Caldas da Rainha na I Grande Guerra Mundial. Como o campo de Angra do Heroísmo já tinha então 750 prisioneiros e não cabiam mais, o governo cria dois novos depósitos relativamente perto de Lisboa: na fortaleza de Peniche e no Hospital D. Leonor nas Caldas da Rainha. E assim chegamos a 18 de Novembro de 1917, ao telegrama acima citado, quando o Ministério da Guerra envia 260 "súbditos inimigos" de Lisboa para as Caldas. Dois dias depois:

Telegrama
20 Novembro 1917
Urgente. Duzentos sessenta súbditos alemães partem amanhã de Lisboa ao meio dia previna Capitão D. F. para preparar alimentação e in-formar esta repartição do número de súbditos inimigos com condições de serem transferidos para estrangeiro. Bagagens dos súbditos che-gados hoje ficarão detida até próximo domingo para que possam escolher os que devem partir Angra Heroísmo.



Não sendo prisioneiros de guerra, os alemães podiam mover-se com alguma liberdade pela cidade e sobretudo usufruir do Parque D. Carlos I. Na foto um jogo de futebol no local onde estão hoje os courts de ténis, em frente ao Hotel Lisbonense (hoje Hotel Sana).



Os detidos estavam classificados por prisioneiros de primeira, segunda e terceira classe, consoante as suas profissões. É provável que nem todos tivessem as mesmas condições de internamento.

e principalmente este ano que se encontra este edifício n'uma principal imundice sendo este balneário um dos primeiros do país".

A carta espelha uma preocupação legítima para a época, num tempo em que não havia problemas técnicos com os sistemas de captação, adução e distribuição da água termal, nem legionellas ou outras bactérias inoportunas. Ou, se as havia, não existiam os meios para as identificar. Mas lá que a higiene e a limpeza eram levadas em grande conta, isso é verdade.

A preocupação manifestada pela "imundice" em que se encontrava o Termal também era justificada pela enorme carga humana a que as instalações estavam sujeitas com a estada de centenas de prisioneiros.

Uma investigação mais aprofundada poderá descortinar até quando estiveram os alemães nas Caldas da Rainha. Um postal ilustrado da fortaleza de Peniche enviado para Berlim por um detido, mas escrito nas Caldas em 14 de Abril de 1918, prova que nessa altura – provavelmente já nos Pavilhões do Parque – a cidade ainda acolhia os "súbditos inimigos".

A guerra acabaria em 11 de Novembro de 1918. No caso dos prisioneiros detidos nos Açores, só um ano depois, em 28 de Outubro de 1919, é que chegou à Terceira o vapor alemão Lothar Bohlen para levar os alemães de regresso a casa.

Estando mais próximos da Alemanha, é provável que os internados das Caldas tivessem partido mais cedo. Uns para o seu país, outros para África e outros para Lisboa a fim de tentar retomar uma vida tristemente interrompida pelo simples facto de serem alemães ou filhos de alemães.

Nas Caldas a memória destes prisioneiros perdurou muito pouco, talvez abafada pela vaga de refugiados que, duas décadas mais tarde, afluiu às Caldas por motivo da II Guerra Mundial. Estes estrangeiros cosmopolitas, de várias nacionalidades, acabariam por deixar mais marcas do que os pobres alemães que estavam no sítio errado quando os ventos da História os atirou para o "depósito" da então vila termal.

Carlos Cipriano
cc@gazetacaldas.com

O postal que não chegou a Berlim

Apreendido pelos serviços de censura do Exército, este postal da fortaleza de Peniche, escrito nas Caldas da Rainha no dia 14 de Abril de 1918, nunca chegou ao seu destinatário, o senhor Hermann Kusch, em Berlim.

Com uma letra miudinha o prisioneiro dá conta à sua família na Alemanha que se encontra nas Caldas, mas que vai ser transferido para Peniche com cerca de cem compatriotas. Daí a escolha por um postal da fortaleza que, certamente, terá comprado nas Caldas, para mostrar que será ali a sua próxima morada.

A expectativa de ir para junto do mar agrada-lhe pois refere até que será o "paraíso" e que espera poder pescar.

A missiva fala ainda de familiares que estão em Madrid e se encontram bem de saúde e que uma tia da Califórnia lhe mandou 100 dólares (uma fortuna para a época), mas que ainda não viu o dinheiro.

O alemão termina dizendo que até novo aviso o endereço permanece o mesmo: Prisioneiro de Guerra nº 1288 Caldas da Rainha.

C.C.



A Associação Comercial na origem do RI 5?

Terá sido a Associação Comercial e Industrial das Caldas da Rainha a grande responsável pela instalação de uma unidade militar nas Caldas da Rainha, o Regimento de Infantaria 5 (RI5), que em 26 de Maio de 1918 passa a ter guarnição nos Pavilhões do Parque.

Uma parecer do Estado Maior do Exército, sem data, mas escrito provavelmente em Janeiro de 1918, dá conta de um ofício da associação comercial caldensa interessada em saber da instalação de uma unidade militar nas Caldas.

O documento diz que os estudos sobre a defesa nacional prevêm

que "uma das linhas defensivas da capital seja a que, apoiando-se em Óbidos e Lagoa do mesmo nome, segue pelas alturas das Caldas da Rainha e Rio Maior e Santarém". Neste sentido, "a povoação das Caldas da Rainha ficará pois sobre a própria linha defensiva ou será um dos seus pontos de apoio".

Os estudos sobre o território militar justificam-se num momento em que o país está em guerra – na Flandres e em África – não se sabendo como esta evoluirá nem até que ponto o país poderá ser palco de batalhas.

O parecer da 2ª repartição do

Estado Maior do Exército diz que a existência de um quartel nas Caldas da Rainha "não prejudicará pois a defesa, antes será um elemento de concentração rápida, apresentando apenas o inconveniente do respectivo quartel como o material em deposito ficarem sujeitos, quer durante o fogo da ação que porventura ali se chegue a travar, quer após a retirada se esta tiver lugar, à destruição ou preza do inimigo, ao que aliás estão sujeitos outros, fora da zona de concentração".

Um outro parecer, estada 4ª repartição, e datado de 29 de Janeiro de 1918, diz que "esta repartição não

vê inconveniente em que nas Caldas da Rainha seja estabelecida uma unidade constituída, do Exército, pois que não afecta a mobilização do Exército. Lembra, porém, que pertencendo as Caldas ao D.R. nº 5, conviria, no caso da unidade ser algum regimento ou batalhão de infantaria, que fosse ali colocada a unidade que naquela zona recruta".

O certo é que quatro meses depois as Caldas da Rainha entraria na geografia militar do país com a instalação do RI5. Pelos vistos a vila detinha boas relações com o regime republicano (a República tinha oito anos) e não houve grandes buro-

cracias a impedir a pretensão desta acolher uma unidade do Exército.

Só que em 8 de Setembro de 1926, quatro meses após o golpe de Estado que instauraria a ditadura militar (que duraria até ao 25 de Abril), o RI5 sai das Caldas da Rainha e é instalada no castelo de S. Jorge, em Lisboa, onde se manteve até 1 de Julho de 1927, dia em que voltou a ter o seu quartel nas Caldas.

Provavelmente o novo regime quis ter tropas em Lisboa numa altura conturbada do ponto de vista militar, permitindo depois, num período mais calmo, que o RI5

regressasse às Caldas.

O RI5, que faria História aquando do episódio do 16 de Março de 1974 quando protagonizou sozinho uma tentativa de revolução para depor a ditadura, seria extinto em 1975, passando a designar-se CIQC (Centro de Instrução de Quadros de Complemento). No ano seguinte o quartel das Caldas já se chama RICR (Regimento de Infantaria das Caldas da Rainha), passando a designar-se ESE (Escola de Sargentos do Exército) desde 1981.

C.C.